

Alagoas de Marcgraf

Catarina Agudo Menezes
Universidade Federal de Alagoas
catarina.agudo@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas considerações a respeito de uma investigação sobre os caminhos fluviais de Alagoas no século XVII, realizadas através da análise de dois mapas - Praefectura Paranambucae pars Meridionalis e Praefectura Paranambucae pars Borealis - produzidos pelo alemão Georg Marcgraf, em 1643, quando esteve aqui, no chamado Brasil holandês. Embora contenham diversos elementos representados - como povoados, engenhos, fortificações, currais, casas e igrejas - sua característica mais notável é o levantamento cuidadoso dos rios e lagoas da costa alagoana, conhecidos até então, denunciando que Marcgraf dedicou tamanho esforço no reconhecimento e representação das massas de água. Essa feição cartográfica dá visualidade a uma situação própria do início da ocupação do território alagoano, pois, as massas de água além de fornecerem as condições necessárias para a implantação e subsistência de núcleos povoados, atuavam também na articulação entre estes, e com a metrópole portuguesa. Foi também nas margens dos rios e lagoas alagoanos que se instalaram os primeiros engenhos de açúcar, pilares do desenvolvimento deste estado. Seja para indicar áreas com potencial para povoamento ou exploração, seja para registrar os acessos aos engenhos ou currais, estes mapas se configuram como artefatos consistentes e esclarecedores da cartografia costeira alagoana do período colonial.

PALAVRAS CHAVE: Caminhos Fluviais, Cartografia, Alagoas.

ABSTRACT

This work presents some considerations regarding an investigation into the river ways of Alagoas in the seventeenth century, made through the analysis of two maps - Praefectura Paranambucae pars Meridionalis e Praefectura Paranambucae pars - produced by German Georg Marcgraf in 1643, when he was here, during the called Dutch Brazil. Though they contain many elements represented - such as settlements, mills, forts, sheds, houses and churches - its most notable feature is the careful surveys of rivers and lagoons of the coast of Alagoas, known so far, claiming that Marcgraf devoted such effort in the recognition and representation of water bodies. This feature provides visual mapping to a specific situation of the early occupation of the territory of Alagoas, because the water bodies in addition to providing the necessary conditions for the deployment and maintenance of village cores, also worked at the joint between them and the Portuguese metropolis. It was also on the banks of rivers and lakes of Alagoas who settled the first sugar mills, pillars of this state. Is to indicate areas with potential for settlement or exploitation, is to record access to the mills or stockyards, these maps are configured as consistent and informative artifacts of mapping coastal Alagoas colonial period.

KEYWORDS: River ways, Cartography, Alagoas.

I - ALAGOAS DE MARCGRAF

O processo de formação do território de Alagoas está intimamente ligado à forma como os colonizadores compreendiam o espaço, partindo de concepções bem definidas quanto à demarcação, ocupação e utilização do mesmo. Tais princípios influenciaram e foram influenciados pela cartografia da época, diga-se a partir do século XV, pois o material cartográfico produzido consistiu em importante instrumento para a viabilização das ações colonizadoras.

Entretanto, não foram apenas os portugueses a representar o Brasil colonial. As terras do Brasil, pertencentes a Portugal, atraíram a atenção de outras nações interessadas em explorar suas riquezas naturais, como ocorreu com os franceses que, por muito tempo, negociaram com os índios, em diversos pontos da costa, o escambo de mercadorias, principalmente do pau-brasil. O holandese tiveram participação significativa na colonização de parte do Brasil, devido a sua fixação no Nordeste, durante cerca de 23 anos.

Estas interferências legaram uma intensa produção cartográfica elaborada, sobretudo, pelo governo português e pelos holandeses, estes movidos por uma missão comercial. Os lusos tinham por objetivo inicial descrever as terras recém descobertas – com todos os seus atrativos e perigos – e, posteriormente, traçar as linhas que iriam fundamentar a ocupação e consequente construção do território, enquanto espaço de ações deliberadas. Os batavos buscavam demarcar e descrever as terras conquistadas e localizar os principais pontos de interesse na colônia.

O universo cartográfico do Brasil nesse período é, portanto, bastante extenso e permite compreender a realidade histórica da época, que está vinculada a uma determinada conjuntura sócio-política, representada graficamente por momentos técnicos e artísticos bem definidos.

II - A CARTOGRAFIA COMO EXPRESSÃO DO TERRITÓRIO

Ao longo da história diferentes manifestações podem ser identificadas como forma de interpretação das relações espaciais existentes entre o homem e o meio em que vive, pois, desde tempos muito remotos o ser humano procura compreender o espaço a sua volta, e mesmo os lugares mais distantes. Tais manifestações podem ser apresentadas sob a forma de textos escritos, símbolos e desenhos, como produto da necessidade não apenas de conhecer o território, mas, sobretudo de se apropriar do mesmo, através da sua racionalização e administração.

Entre as formas representativas das relações entre homem e espaço o desenho é, possivelmente, a prática que agrega a maior quantidade de elementos passíveis de interpretação, uma vez que permite

produzir visualmente, no caso de um território, por exemplo, um panorama daquilo que se sabe, ou se imagina, existir.

Segundo Beatriz Bueno (2001, p. 14) a palavra desenho possui duas conotações que se apresentam entrelaçadas, a primeira corresponde ao seu aspecto gráfico enquanto representação, e a segunda consiste no propósito a que se destina, aquilo que se busca atingir ou realizar através do desenho, ou seja, “*Desegno*’ era o exercício mental que precedia a viabilização de qualquer intento, não exclusivamente os arquitetônicos, elo mediador entre o conhecimento da realidade e a ação sobre ela e, como tal, sinônimo de *desígnio*”.

Transpondo a noção de desenho enquanto instrumento que contém uma intenção e um fim específicos para a necessidade de racionalização do espaço acima colocada, observa-se que uma das formas de representação que se presta bem a este propósito é a Cartografia. Duarte (2002, p. 15) apresenta o conceito formulado no 20º Congresso Internacional de Geografia, realizado em 1964, na cidade de Londres, sobre o que consiste a Cartografia:

Conjunto de estudos e operações científicas, artísticas e técnicas, baseado nos resultados de observações diretas ou de análise de documentação, com vistas à elaboração e preparação de cartas, planos e outras formas de expressão, bem como sua utilização.

Dentro da Cartografia o mapa é o produto básico e ao mesmo tempo principal que contém as informações obtidas a partir de diferentes pesquisas, que podem incluir até mesmo anotações, observações e relatos.

O mapa é uma forma de expressão bastante antiga e, dependendo dos elementos que apresenta, pode ser também um instrumento de fácil leitura e bastante didático.

O mapa é o início de uma aventura. Viagens, caça de tesouros, guerras e explorações tornam-se vivíveis com o abrir de um mapa. Sentado em sua poltrona, um mapa pode servir-lhe de tapete mágico para conduzir sua mente, com a rapidez de um relâmpago, a qualquer lugar onde você queira ir. Mapas com a indicação de estradas, em nossos dias, são distribuídos grátis. Em tempos passados, no entanto, eram guardados em segredo e aqueles que ousassem revelá-los expunham-se a torturas ou à morte. Para um corsário a captura de um mapa era presa mais rica que ouro e prata (DUARTE, 2002, p. 20).

Pode-se perceber, portanto, a representatividade e importância que os mapas possuíam em diferentes épocas, sendo por isso, um pano de fundo por onde transcorre a narrativa histórica de uma civilização.

Não resta a menor dúvida de que os homens se preocuparam, desde muito cedo, em fixar os limites de seu horizonte espacial, de seu território, ou mesmo de seu itinerário, seja ele terrestre, fluvial ou marítimo. Houve sempre a preocupação de representar seu meio ambiente de forma duradoura, seja em paredes de grutas, casca de árvore ou outros materiais disponíveis, com o intuito de informar o segredo de rotas de caça, das fontes de água, das áreas de segurança e das zonas de perigo (DUARTE, 2002, p.16).

Quando se fala em mapa logo se pensa na sua relação com a Geografia, com a representação, em um plano, de aspectos diversos tendo como base a superfície da terra. No entanto, o mesmo pode ultrapassar a simples localização de elementos no plano terrestre. Na confecção de uma carta geográfica estão embutidos princípios diversos, tanto da pessoa que a produz quanto de quem a encomenda. O mapa realiza de forma eficaz a função de representar o espaço do homem, mas consiste também em um instrumento ideológico, capaz de direcionar as atenções para questões específicas ou mesmo encobrir outras.

Outros aspectos podem ainda ser transmitidos através de cartas geográficas. No contexto das grandes expedições marítimas, realizadas a partir do século XV – que culminaram, entre outros fatos, com a conquista do Brasil – a cartografia produzida neste momento teve papel fundamental no transcorrer das “descobertas” e no processo de colonização. Isto porque a confecção de diversos mapas contribuiu tanto no sentido da ampliação do conhecimento referente aos oceanos e territórios, incentivando o lançamento de vários empreendimentos marítimos, com o intuito de explorar novos lugares, bem como para incentivar o interesse de reis e demais nobres, dos países envolvidos nas explorações, em investir, em um primeiro momento, na extração de riquezas das terras conquistadas.

O interesse, sobretudo comercial, dos reinos em explorar as novas terras conquistadas¹ incutiu na confecção dos mapas aspectos que exaltavam as riquezas existentes nos lugares recém descobertos, contento, algumas vezes, descrições detalhadas dos elementos, da forma de extraí-los, utilização e localização dos mesmos, etc. Disso resultou uma cartografia bastante rica símbolos e ilustrações. Daí resultou também o aspecto artístico que os mapas desse período apresentam, possuindo, muitas vezes, caráter de obra de arte, devido ao esmero com que foram executados.

Os mapas produzidos a partir do século XV representam, muitas vezes, verdadeiros tratados sobre um lugar, incluindo as rotas de acesso, em relação à Europa, a configuração de seu território conhecido, descrição dos habitantes nativos, etc. E estas características serão aplicadas na cartografia que se fará a partir da conquistas das terras brasileiras.

O papel da cartografia histórica extrapola, portanto, a sua característica enquanto desenho, é, sobretudo, desígnio – materialização prévia do intuito de descobrir, demarcar e dominar. Os mapas

¹. Tendo em vista que o comércio das especiarias asiáticas se encontrava bastante disputado, tanto no que diz respeito às rotas de comercialização como os produtos propriamente ditos.

confeccionados durante o período das expedições marítimas são resultado de um processo que passou por diversas etapas, desde a Antiguidade Clássica, quando os mapas estavam ainda carregados de imprecisões, culminando com a “explosão” cartográfica europeia, caracterizada pela alta qualidade dos mapas produzidos, bem como a sua ampla difusão.

III - OS HOLANDESES NO BRASIL E SUA PRODUÇÃO ICONOGRÁFICA

Um momento importante na história da colonização brasileira é o período em que os holandeses dominaram uma longa faixa da costa brasileira, compreendendo as terras entre as capitanias de Sergipe d’El-Rei até o Ceará que ocorreu entre os anos de 1635 até 1653, sendo a Capitania de Pernambuco a sede do governo holandês. Essa importância se deve à grande quantidade de registros, textuais e visuais, que deixadas sobre esse período, apresentando preciosas descrições sobre os mais variados aspectos da colônia, como recursos naturais, economia, política, religião e, sobretudo referindo-se a seus aspectos físicos.

O interesse dos holandeses pelo Brasil, de uma forma geral, surgiu após um embargo comercial imposto pela Espanha que deixou de fornecer os produtos vindos da Ásia e ainda confiscou alguns de seus navios que estavam nas proximidades ibéricas. Os holandeses se encontraram, então, com a necessidade de sair às grandes expedições marítimas.

A ocupação de parte do Brasil começou a ser efetivada em 1624, quando os holandeses organizaram uma frota armada e invadiram a capital da província, Salvador. Como as tropas portuguesas de defesa eram insuficientes, os holandeses conseguiram adentrar no território baiano e permanecer por um ano, porém, com a chegada do auxílio português e espanhol, foram expulsos. Houve ainda uma segunda tentativa de entrar na Bahia, mas sem sucesso (BOXER, 2004, p. 135).

Após esta tentativa frustrada de dominação, as atenções holandesas voltaram-se para a Capitania de Pernambuco que era no momento a mais produtiva com relação ao açúcar e uma das mais prósperas. Por volta de 1630 os holandeses chegam ao litoral pernambucano, invadindo a capitania em dois pontos diferentes: no porto de Recife e na baía de Pau-Amarelo, ao norte de Olinda.

Sabe-se que o interesse maior dos holandeses com a invasão de Pernambuco era dominar a produção de açúcar e demais atividades lucrativas desenvolvidas na capitania. Porém, as suas ações durante o período de domínio não se limitaram apenas à exploração sumária dos produtos pernambucanos. Assim como os portugueses, os holandeses identificaram no povoamento uma maneira de manter erguidas as defesas, sem grandes gastos, bem como garantir a auto-suficiência da colônia. O alto conselheiro Adriaen van der Dussen alertou para este aspecto:

Mas isto² não é suficiente para incrementar o povoamento do país, é necessário encontrar meios para atrair grande número de habitantes da Pátria para cá e espalhá-los por todo o país e aí se multiplicarem: isto trará para a Companhia vantagens, defesa, conservação e firmeza para a conquista de deste modo obter-se-á não somente uma notável diminuição de suas grandes despesas e encargos como também aumento das suas finanças e rendas; o país será melhor cultivado e produzirá mais e haverá maior garantia contra os sempre pérfidos portugueses que serão mantidos sob controle (VAN DER DUSSEN, 1639, in.: MELLO, 1981, p.83).

Após o estabelecimento holandês em Pernambuco e diminuídas as investidas portuguesas, a Companhia das Índias Ocidentais nomeou um representante para governar a área conquistada, o conde Maurício de Nassau. Este chega a Pernambuco em 1637 e durante os oito anos que permaneceu na capitania conseguiu, apesar de seus grandes gastos, fazer uma boa administração, revertendo novas conquistas e grandes lucros para a Companhia (MELLO, 1999, p.45).

IV - OS REGISTROS HOLANDESES

O material referente ao período colonial holandês é bastante vasto, além das crônicas de viajantes, militares e religiosos, foram confeccionadas também muitas imagens e verdadeiros tratados sobre as coisas do Brasil. Antes mesmo da investida contra o Brasil, já existiam nos Países Baixos, ainda no século XVI, exímios cartógrafos, astrônomos e gravadores, prontos para competir com os portugueses.

A produção cartográfica holandesa ocorreu, com relação à portuguesa, tardiamente, da mesma forma que o seu lançamento às expedições marítimas. Somente em fins do século XVI os holandeses vão buscar em territórios mais distantes de seus domínios novos mercados e produtos. E mesmo nesse período, as cartas de navegação utilizadas eram cópias traduzidas de cartas espanholas, uma vez que os portugueses mantinham rigoroso sigilo sobre seus mapas náuticos.

Os primeiros mapas holandeses do Brasil datam por volta de 1599, período em que os batavos se ocuparam com as idas ao Pacífico e sucessivos assaltos aos portos brasileiros, o que lhes permitiu obter conhecimentos valiosos e elaborar alguns desenhos sobre a costa do Brasil. Outros assaltos também foram realizados no Recôncavo Baiano possibilitando uma pequena permanência em solo brasileiro e a consequente ampliação dos locais conhecidos pelos batavos. Outras pequenas invasões foram ainda executadas no início do século XVII.

Por volta de 1623 o piloto holandês Dierick Ruiters publicou um conjunto de informações de roteiros marítimos, contendo também desenhos de alguns portos brasileiros, baseado em conhecimentos adquiridos no período em que esteve preso no Brasil somados às informações obtidas com o trabalho do

². Adriaen van der Dussen se refere à ligação de Recife à ilha de Antônio Vaz por meio de uma ponte.

cosmógrafo-mor português Manoel de Figueiredo. Esta publicação auxiliou, posteriormente, a invasão da Bahia (GUEDES, 199, p.70).

As sucessivas tentativas de invasão e os trajetos percorridos próximos à costa do Brasil possibilitaram a elaboração de algumas cartas de autoria de Hessel Gerritz, por volta de 1630. Entre elas, um mapa geral de parte da América do Sul e outro mapa com um trecho da costa de Pernambuco, indicando a vila de Olinda. Este demonstra as características da costa, entradas naturais, arrecifes, bem como as formas de ocupação existentes.

Em 1630, com a ocupação efetiva da Capitania de Pernambuco, foram confeccionadas algumas vistas e mapa demonstrando a conquista de Olinda e a entrada dos holandeses em Pernambuco. Uma dessas imagens demonstra tanto em planta como em vista os acontecimentos no momento da invasão. Mostra em detalhes a esquadra holandesa e um perfil da vila de Olinda.

Após o estabelecimento em Pernambuco, aos poucos os domínios holandeses foram sendo ampliados, para o norte e para o sul, e, conseqüentemente, nova cartografia foi produzida para registrar as conquistas e demonstrá-las às altas autoridades da W.I.C..

O período áureo da iconografia holandesa sobre o Brasil ocorreu a partir da nomeação do conde João Maurício de Nassau para governador do Brasil holandês. A sua chegada ao Brasil implicou a vinda de diversos profissionais, entre pintores, cientistas, médicos, naturalistas, entre outros. Nassau possuía o objetivo muito claro de registrar e demonstrar ao governo geral os seus feitos no Novo Mundo (WATJEN, ano, p. 185).

A cartografia holandesa destacou pela grande quantidade de plantas de vilas e cidades coloniais, confeccionadas com o intuito principal de registrar as características das povoações, de modo a informar aos sócios da W.I.C. quanto às ações que estavam sendo empreendidas. Cidades e vilas como Recife, Olinda, Sirinhaém (PE), João pessoa (PB), Penedo (AL), entre outras, foram representadas em plantas holandesas.

Após alguns anos da conquista holandesa “julgo Maurício de Nassau ser necessária a elaboração de um mapa geral do litoral nordestino dominado pelos batavos, mapa aguardado pelos *Heeren* XIX e que contivesse ‘as terras de cana e currais... para informação dos moradores’” (GUEDES, in.: HERKENHOFF, 1999, p.78). Dessa forma, foram produzidas por Golijath, cartógrafo holandês que atuava no Brasil na época, seis cartas que cobriam todo o território dominado pelos holandeses (1638/1639), além de outra carta que contém informações precisas do litoral brasileiro, denominada “*Carta correta do litoral de quatro capitanias do Brasil a saber Pernambuco, I. Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, com todos os recifes e bancos de areia de e ainda com todas as cidades, povoações e aldeias das mesmas capitanias, tudo feito por ordem de Sua Excelência o Conde Maurício de Nassau*”.

Além de Golijath, outro profissional realizou intensa produção cartográfica a pedido de Maurício de Nassau. (BOXER, 2004, p.211-212).

V - GEORG MARCGRAF E A BRASILIAE GEOGRAPHICA ET HIDROGRAPHICA TABULA NOVA

Dentre o material cartográfico produzido durante o domínio neerlandês no Brasil, uma carta se ressalta sobre as demais. Trata-se do mapa *Brasiliae Geographica et Hydrographica Tabula Nova, Continens Praefecturas de Cirijs, cum Itapuama de Paranambuca, Itamaraca, Paraiba et Potigi vel Rio Grande. Quam propijs Observationibus ac dimensionibus, diuturna peregrinationi a se habitis, fundamentaliter superstruebat et delineabat Georgius Marggraphius, Germanus, anno Christi 1643*, elaborada, como o próprio título menciona, por Georg Marcgraf, em 1643.

Este mapa se apresenta sob duas formas, a partir de quatro gravuras individuais que consistem nos mapas propriamente ditos, utilizados por Gaspar Barléus, representando as capitanias conquistadas; e como mapa mural, editado por Joan Blaeu, em 1647, confeccionado a partir da sobreposição e colagem de onze folhas e do acréscimo de textos em francês, latim e holandês, e que recebe o título de “*Brasilia qua parte paret Beilgis*” (WHITEHEAD; BOESEMAN, 1989, p.152).

Esta obra, de grandes dimensões - 101x 160 cm - abarca as capitanias de Sergipe (Cirijs), Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande e informa minuciosamente detalhes sobre acidentes geográficos, caminhos, povoamentos, engenhos etc.



Figura 01. Brasiliae Geographica et Hydrographica Tabula Nova, Georg Marcgraf, 1643. Fonte: Fundação Joaquim Nabuco – Museu do Homem do Nordeste, reserva técnica.

Para além da geografia, este mapa possui um aspecto magnífico e grandioso, assim como deveria parecer a conquista neerlandesa e o governo do Maurício de Nassau aos olhos dos altos conselheiros da Companhia das Índias Ocidentais.

Seu autor nasceu em Liebstadt, uma pequena cidade da Alemanha, em 1610. Aos 17 anos foi para a Universidade de Leiden, na Holanda, que oferecia um aprendizado humanista, e diversos recursos didáticos, como um horto botânico, teatro, esgrima. Marcgraf adquiriu, portanto, um conhecimento bastante abrangente, que contemplava conhecimentos em medicina, matemática, astronomia, botânica, cartografia, embora, curiosamente, não tenha se formado em nenhum dos cursos que frequentou. Sua chegada ao Brasil ocorreu em 1638, inicialmente como auxiliar do naturalista Guilherme Piso, que veio a pedido de Nassau³.

Aqui, Marcgraf empenhou-se em diversas atividades, como a instalação do primeiro observatório astronômico da colônia, localizado em Recife, realizando observações de diferentes fenômenos, como os eclipses; o estudo e a catalogação de diversas espécies de animais e plantas, certamente contando com o auxílio dos indígenas, que deu origem à obra feita em parceria com Guilherme Piso, “História Natural do Brasil”; além das expedições pelos domínios da Companhia para realizar levantamentos geográficos e

³. Informação apresentada na palestra por Huib Zuidervaart proferidano Simpósio Internacional de Ciência e Tecnologia – Gerog Marcgrave 400 Anos. A Ciência unindo velho e novo mundos, ocorrido em setembro de 2010, na cidade de Recife - PE.

hidrográficos inclusive do rio São Francisco. Em 1644 partiu do Brasil para Angola e lá faleceu precocemente, neste mesmo ano, vítima de uma febre tropical⁴.

Como exímio cartógrafo, confeccionou ainda outros mapas mais específicos dos núcleos urbanos visitados por ele, inclusive as vilas alagoanas de Penedo, Santa Maria Madalena e Porto Calvo. Estas gravuras também foram inseridas no livro de Barléus.

É, seguramente, o mapa mais completo da região Nordeste desse período e, mesmo nos séculos posteriores, continuou sendo referência para o estudo geográfico e marítimo dessa região. Jaime Cortesão menciona, em 1971, uma consideração do Barão do Rio Branco (1845-1912) (diplomata, geógrafo e historiador brasileiro) acerca desse mapa, alegando que

[...] ainda hoje, quem quer estudar a zona marítima desde o Rio Grande do Norte até Sergipe, encontra no mapa do ilustre Marcgraf valiosas indicações geográficas que debalde procuraria nas cartas brasileiras, mesmo as mais recentes, todas levantadas em escala muito menor (1971, p.16-17).

Este mapa pode ser dividido, basicamente, em três partes: a ilustrativa, com pequenos recortes de cenas nordestinas; a cartográfica, com os levantamentos da terra e da água e a textual, com o título, a legenda e o texto situado na parte inferior. Esta legenda identifica por meio de ícones os diversos elementos reconhecidos e representados.

Foi, possivelmente, executada em função da produção de açúcar, de modo a levantar as potencialidades açucareiras da região, mas inclui também outros pontos economicamente produtivos e de interesse, como os currais de gado, salinas e fontes. As informações contidas nesta carta abrangem diversos elementos existentes na faixa de terra dominada pelos holandeses, entretanto, cabe destacar o levantamento hidrográfico realizado com precisão.

Além das informações geográficas, o mérito desta carta está também em sua qualidade artística, pois, apresenta-se bastante colorida e ricamente ornada, com cartuchos informativos - possuindo bordas elaboradas, como o que contém o título do mapa, que apresenta um brasão, peças militares, além de flores e folhagens. Na parte superior do mapa há também outros elementos decorativo representando espécies da flora, principalmente frutas da região, como o abacaxi e o coco, bem como diferentes ferramentas e utensílios, além de brasões, provavelmente relacionados ao governo holandês e também aqueles concedidos por Maurício de Nassau às capitanias. Entre os aspectos naturais, estão também algumas espécies animais em alguns pontos do mapa, tais como anta, cobra, tamanduá, emas, etc.

4. Idem.

Além disso, possui ainda vinhetas elaboradas por Frans Post, ilustrando diversas cenas do cotidiano da região, como a produção de açúcar em um engenho movido por uma roda d'água. Este, inclusive, é representado com seus elementos principais, a casa-grande, a fábrica e o que parece ser uma senzala, e com diversos detalhes construtivos, como a roda d'água, a moenda, a fornalha, a própria forma da edificação da fábrica. O cotidiano de trabalho no engenho também é demonstrado através da indicação de atividades desenvolvidas pelos escravos.

Outra imagem parece representar uma casa de farinha, com estrutura bastante semelhante ao que ainda é possível encontrar nos dias atuais. Está registrada ainda outra prática desenvolvida nessa região, a pesca de arrastão. Além do registro de atividades produtivas, pode-se observar em diversos pontos do mapa cenas de batalhas entre europeus e indígenas, caças de animais, rituais dos índios, bem como conflitos marítimos e diferentes embarcações.

VI - ALAGOAS EM MARCGRAF

No contexto alagoano, este mapa consiste em uma rica representação de diversos aspectos de seu território, como povoados, vilas, engenhos de açúcar, currais e alguns objetos arquitetônicos. Entretanto, sua característica mais notável é o levantamento cuidadoso dos rios e lagoas da costa alagoana, conhecidos até então.

Para este estudo, foram utilizadas as cartas individuais que contemplam o território de Alagoas. A “*Praefectura Paranambucuae pars Borealis*” abrange parte das Capitânicas de Itamaracá e Pernambuco, indo na direção sul até o Rio dos Frades. Já a “*Praefectura Paranambucuae pars Meridionalis*” diz respeito somente ao território alagoano, abrangendo do mencionado rio até o São Francisco.



Figuras 02 e 03. Praefectura Paranambucuae pars Meridionalis e Praefectura Paranambucuae pars Borealis, respectivamente. Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal – divisão: Biblioteca Nacional Digital.

A partir de uma tentativa aproximada de sobreposição destas duas cartas com um mapa atual de Alagoas, considerando como limite do desenho, na parte sul, as serras denominadas Itaberaba, é possível obter a seguinte área de abrangência:

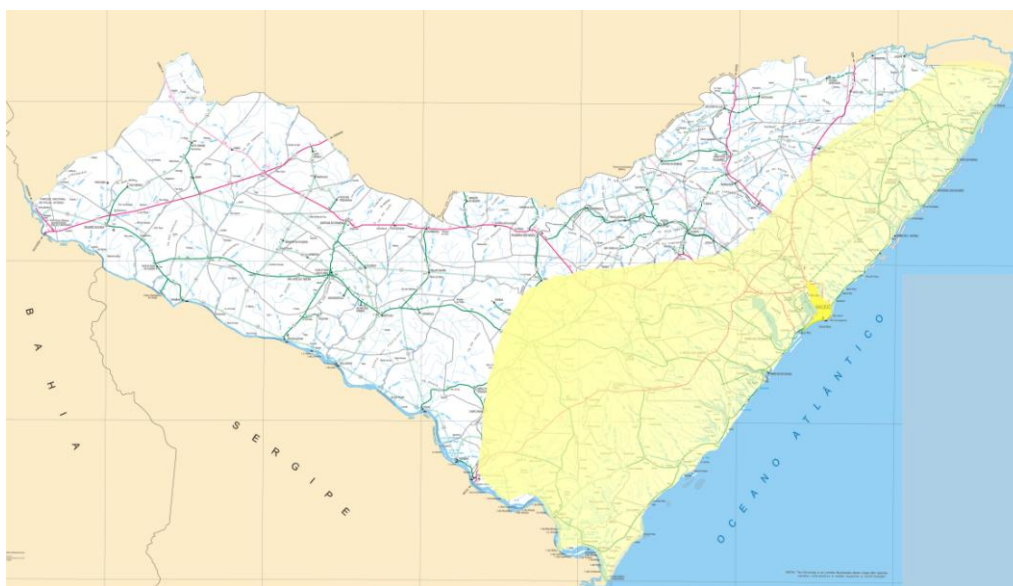


Figura 04. Área aproximada de abrangência dos mapas *Praefectura Paranambucae pars Borealis* e *Praefectura Paranambucae pars Meridionalis* no atual território alagoano. Mapa Base: Mapa Rodoviário de Alagoas, 2002. Fonte: Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes.

O sistema fluvial, composto pelos rios, as entradas naturais da costa e os portos ou ancoradouros, foi muito importante para o funcionamento da própria colônia, funcionando como canais e pontos de escoamento de produtos e deslocamento de pessoas.

A hidrografia alagoana é representada com muita precisão. Dentre estes rios, cabe salientar a importância dos pequenos mananciais, que vão se apresentando de forma inaugural neste mapa e a relação próxima que estes tiveram com os engenhos de açúcar.

A cultura da cana procurou sempre as proximidades das regiões de rios ou de riachos, e não se distanciou, por interesses comerciais, do mar. É na água dos rios, dos pequenos rios, que o senhor de engenho encontra o melhor colaborador para sua organização econômica. É no rio que ele vai buscar não somente a água para movimentar a moenda; nele está a água para dar umidade ao solo, para o transporte da produção, para o banho dos animais; também para o seu banho e o de sua família (CORTESÃO, 1971, p. 106).

Apesar da existência de alguns problemas com a escrita do mapa, que possui palavras em diferentes idiomas, foi possível a identificação da maior parte dos rios e lagoas alagoanos.

Entre os rios, foram identificados 63, e as lagoas, 12. A partir da análise de fontes textuais e cartográficas do século XVI e mesmo do XVII, como os relatos holandeses e os mapas da família Albernaz⁵, constatou-se que o levantamento de Georg Marcgraf, no quesito hidrografia, já é bem superior.

Dentro do intuito de identificar os acessos aos engenhos, estes também são representados por Marcgraf e, algumas vezes descritas as entradas existentes na costa, com suas larguras e profundidades, bem como são indicados diversos arrecifes, como os conhecidos baixios de Dom Rodrigo, que, apesar de não serem nomeados no mapa, são dispostos com sua posição correta, em frente ao rio Coruripe.

Os portos, propriamente ditos, são em número de 4 - Baía Grande ou Porto de Calvo, Porto das Pedras, Porto de Jaraguá e dos Franceses. Entretanto, outros 5 locais onde é possível ancoragem são indicados com o desenho de uma âncora.

A indicação de diversos portos, enseadas e outros ancoradouros, os quais são fundamentais para o desenvolvimento das principais atividades econômicas, confere a este mapa o caráter mercantil próprio dos holandeses, impresso na forma de governo implantada por estes.

O quadro a seguir apresenta a relação de rios, lagoas e portos alagoanos identificados nas referidas cartas.

RIOS	RIOS	LAGOAS	PORTOS
São Francisco (ou Parapitinga)	Copaíba	Upabuçu (Lagoa Grande)	Baya Grande ou Porto do Calvo
Piagui	Potiguaçu	Upaba	Porto das pedras
Ipoxi	Miguai	Piripiri	Porto Velho dos Franceses
Piracaba	Rio de Pero Cabreiro	Lagoa Doce	Porto no rio Coruripe
Piaçica	Mondai (Mundaú)	Iequea	Jaraguá
Parauna ou Parauma	Potiguaçutiba	Lagoa Doce	
Cururuí(Coruripe)	Carrapato	Lagoa Tabeada (ou Taboada)	
Iequea (Jequiá)	Rio das Lagoas	Lagoa Salgada	
Cabotá	Rio Doce	Lagoa Salgada	
Urubutinga	Çabuçu	Lagoa d'Acarpeba	
Çenembi ou Rio de São Miguel	Paripoera	Paraigera ou Alagoa do Sul	
Çobauma	Ipioca	Mondai ou Alagoa do Norte	
Itinga	Alagado		
Paraíba	Guaraiguaçu ou Castanha		

⁵. Esta família ficou conhecida pela atuação admirável de três cartógrafos, Luís Teixeira, ainda no século XVI, Luís Teixeira Albernaz I, seu filho e Luiz Teixeira Albernaz II, seu bisneto. Diversos atlas representando o Brasil foram confeccionados por estes profissionais que conferiram aos mapas tanto a qualidade cartográfica, no que diz respeito às informações contidas nestes, como artísticas.

Tobatinga	letitiba		
Miguai	Tapamandé		
Tagoa (?)	Guaraimiri ou Rio de Santo Antônio menino		
Guiratinga	Rio Parariji (Pratagi)		
Igapi	Çubiai		
Rio de Frades	Rio de I. Dourado		
Guaraiguaçu ou S. Antônio Grande	Maciaguaçu		
Agoa Fria	Rio de I. Barbosa		
Camuriji (Camaragibe)	Itinga		
Iaçaratinga	Guatapi		
Tatuaymunha	Comendatiba		
Manguaba (Manguaba ou Rio das Pedras)	Sapetiba		
Iaparatusa	Agoapetiba		
R. de São Bento	Mocibita (?)		
Mariguiji	Rio do Caroço		
Oiebir	Çurubina		
Piraçununga	Urupeima		

Com base na identificação dos rios e outros elementos indicados no quadro acima, foi elaborado sobre os mapas seiscentistas um infográfico com a indicação dos pontos identificados.



Figura 05. Montagem das cartas *Praelectura Paranambucae pars Meridionalis* e *Praelectura Paranambucae pars Borealis*, com a indicação dos rios, lagoas, portos e aberturas naturais de Alagoas. Infográfico: MENEZES, 2011.

Percebe-se nesses mapas que, é nas proximidades dos rios e de algumas lagoas que se instalam a maior parte dos pontos de fixação no território alagoano, como as povoações, engenhos, igrejas e casas, o que reforça a importância desses elementos para a formação do que hoje é chamado Alagoas.

O levantamento dos rios e lagoas de Alagoas realizado por Marcgraf foi tão minucioso que, no século XIX, quase duzentos anos depois, seu mapa continuou sendo o registro mais completo neste aspecto.

A comparação com um mapa de 1823, o *Mappa Topographico da Parte das Provincias de Pernambuco, Alagoas e Parahiba*, por exemplo, permite verificar que este apresenta uma quantidade inferior de cursos fluviais (37) em relação ao mapa seiscentista (63), reforçando a informação do Barão do Rio Branco comentada anteriormente. Mesmo alguns dos principais rios, como o Manguaba, o Tapamundé e o

Persinunga, não são indicados. O quadro a seguir mostra os rios representados em ambos os mapas. Em vermelho os que coincidem nos dois.

Rios de Marcgraf		Rios Mapa de 1823	
São Francisco (ou Parapitinga)	Copaíba	Rio do Pau	São Francisco
Piagui	Potiguaçu	Salgado	Bassica
Ipoxi	Miguai	Do Porto Calvo	Porto Real
Piracaba	Rio de Pero Cabreiro	Tituamunha	Traipu
Piaçica	Mondai (Mundaú)	Camaragibe	Panema
Parauna ou Parauma	Potiguaçutiba	Santo Antônio Grande	Piauhi
Cururuí (Coruripe)	Carrapato	Sapucahi	Ubatinga
Iequea (Jequiá)	Rio das Lagoas	Sapucahi	
Cabotá	Rio Doce	Maceió	
Urubutinga	Çabuçu	Pioquinha	
Çenembi ou Rio de São Miguel	Paripoera	Pioca	
Çobauma	Ipioca	Meirim	
Itinga	Rio dos Frades	Doce	
Paraíba	Guaraiguaçu ou Castanha	Pratagi	
Tobatinga	letitiba	Jacaressica	
Miguai	Tapamandé	Bebedor	
Tagoa (?)	Guaraimiri ou Rio de Santo Antônio menino	Mundaú	
Guiratinga	Rio Parariji	Branquinha	
Igapi	Çubiaí	Succa	
Rio de Frades	Rio de I. Dourado	Secco	
Guaraiguaçu ou S. Antônio Grande	Maciaguaçu	Dos Inhauns	
Agoa Fria	Rio de I. Barbosa	Parahiba	
Camuriji (Camaragibe)	Itinga	Pararigaba	
Iaçaratinga	Guatapi	Tapicuru	
Tatuaymunha	Comendatiba	Genipapo	
Manguaba (Manguaba ou Rio das Pedras)	Tapamundé	São Miguel	
Iaparatura	Agoapetiba	Jequiá	
R. de São Bento	Mocibita (?)	Poxim	
Mariguiji	Rio do Carço	Coruripe	
Oiebir	Çurubina	Miahy	
Piraçununga	Urupeima	Uma	

Como se vê, os caminhos fluviais desempenharam em Alagoas, no século XVII, papel fundamental, atuando como as principais vias de ligação entre os diversos pontos da colônia, além de fornecerem as condições necessárias para a instalação dos fundamentos dos primeiros núcleos urbanos alagoanos.

As cartas produzidas por Georg Marcgraf constituem uma documentação muito rica e valiosa a cerca destes aspectos, podendo ser considerada o mais importante feito cartográfico do Brasil colonial.

VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOXER, Charles Ralph. *Os Holandeses no Brasil*. Recife: CEPE, 2004.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho e Designio: o Brasil dos Engenheiros Militares (1500-1822)*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2001.

CORTESÃO, J. *História do Brasil nos velhos mapas*. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1971.

DUARTE, Paulo Araújo. *Fundamentos de cartografia*. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

GUEDES, Max Justo. A Cartografia Holandesa do Brasil. In.: HERKENHOFF, Paulo (Org.) *O Brasil e os Holandeses: 1630-1645*. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999 (p. 64-85).

MELLO, Gonsalves de. Companhia das Índias Ocidentais. In.: HERKENHOFF, Paulo (Org.) *O Brasil e os Holandeses: 1630-1645*. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999 (p.42-63).

VAN DER DUSSEN, Adriaen. Breve discurso sobre o Estado das quatro capitâneas conquistadas, de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, situadas na parte setentrional do Brasil. (1638) J. Maurice Conte de Nassau; M. Van Ceullen; Adriaen Van der Dussen. In.: MELLO, José Antônio Gonçalves de. (Org.) *Fontes para a história do Brasil Holandês. Economia açucareira*. Vol. 01. Recife: CEPE-Editora de Pernambuco, 1981. (pp.77-129).

WÄTJEM, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*. Recife: CEPE, 2004.

WHITEHEAD, Peter James Palmer. *Um retrato do Brasil holandês no século XVII: animais, plantas e gente pelos artistas de Johan Maurits de Nassau*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989.